

**A ARTE DE NARRAR NAS PÁGINAS DOS  
JORNAIS – A CRÔNICA COMO POSSIBILIDADE  
DE INTERCAMBIAR EXPERIÊNCIAS****THE ART OF STORYTELLING ON THE  
NEWSPAPERS – CHRONICLES AS A WAY TO  
EXCHANGE EXPERIENCES**Lidia de Teive Argolo<sup>1</sup>**INTRODUÇÃO**

Pensar sobre o compartilhamento de sentidos, a tessitura das teias culturais e a vinculação a essas teias<sup>2</sup> em um contexto no qual as tecnologias da informação se fazem presentes em uma parcela significativa das trocas simbólicas exige considerar as especificidades das relações sociais envolvidas nestes processos. A configuração dos processos de comunicação que privilegiam e expressam a valorização da informação e o foco no compartilhamento de conteúdos compreendidos como capazes de retratar de modo fidedigno os fatos da realidade, corroborar com a compreensão das especificidades das trocas simbólicas tal como vivenciamos no cotidiano hoje. Nesse sentido, destacamos momentos que marcaram a configuração desse olhar acerca da informação.

Recuando um pouco no tempo, Manuel Castells (1999) destaca como, na segunda metade do século XX, o desenvolvimento de tecnologias da informação marcou as formas de interação e os comportamentos humanos. O foco adotado na análise de Castells privilegia a dimensão estruturante do modelo de desenvolvimento focado na melhoria da tecnologia para processamento da informação como um fim em si mesmo<sup>3</sup>. Apesar disso, o autor não deixa de pôr em destaque como as interações sociais, as trocas simbólicas e os processos de comunicação se estabelecem neste meio, tendo em vista a valorização e crescente centralidade da produção e compartilhamento de informações.

**RESUMO**

O presente ensaio tem como objetivo apresentar uma observação dos traços de uma comunicação artesanal no exercício de cronista do jornalista Paulo Leandro, que publica crônicas sobre esporte no jornal baiano *Correio\**. A abordagem tem como material de análise textos publicados pelo cronista e a tessitura das reflexões está fundamentada no ensaio *O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* de Walter Benjamin, no qual são abordadas as características da narrativa e sua especificidade enquanto uma comunicação artesanal, a discussão de Herman Parret acerca da comunicação estética e os escritos de Wolfgang Iser sobre a ficção.

**Palavras-chave:** Narrativa. Crônica. Paulo Leandro**ABSTRACT**

This essay aims to present the artisan form of communication which define the chronicles by Paulo Leandro, a journalist who writes about sports on the *Correio\**, a newspaper based in Bahia. The approach analyzes chronicles written by the journalist and the appointments made are based on *The Storyteller: Reflections on the Works of Nikolai Leskov* by Walter Benjamin, in which they are approached the narrative's features and the particularity as an artisanal communication, the discussion about aesthetic communication by Herman Parret and the Wolfgang Iser's studies about fiction.

**Keywords:** Narrative. Chronicle. Paulo Leandro.**Submetido em:** 25 de set. 2022**Aceito em:** 03 de nov. 2022<sup>1</sup>Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Guanambi, Bahia – Brasil<sup>\*</sup>E-mail para correspondência: lidia.argolo@gmail.com<sup>2</sup>A discussão traz pressuposto o conceito de cultura defendido por Clifford Geertz (2008, p.4), que acredita, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, sendo essas teias a cultura.<sup>3</sup>Acerca desta questão, ressalta Manuel Castells (1999, p. 35): “a fonte de produtividade acha-se na tecnologia de geração de conhecimentos, de processamento de informação e de comunicação de símbolos. (...) O que é específico ao modo informacional de desenvolvimento é a ação de conhecimentos sobre os próprios conhecimentos como principal fonte de produtividade. O processo da informação é focalizado na melhoria da tecnologia de processamento da informação como fonte de produtividade em um círculo virtuoso de interação entre as fontes de conhecimentos tecnológicos e a aplicação de tecnologia para melhorar a geração de conhecimentos e o processamento da informação.”

Nesse sentido, destaca Castells, “A tecnologia e as relações técnicas de produção difundem-se por todo o conjunto social, penetrando no poder e na experiência e modificando-os.”. (CASTELLS, 1999, p.35)

Se recuarmos um pouco mais no tempo, vemos que nas décadas iniciais do século XX Walter Benjamin (1987) já vislumbrava as transformações nos processos de comunicação, ao observar o impacto da modernidade no modo de vida e o concomitante declínio da narrativa e valorização da informação. Em 1936 ele deixa clara uma preocupação com este processo, nas linhas do ensaio *O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. Observando a crescente valorização de conteúdos literários que apresentavam aspectos da vida burguesa ou da informação oferecida como conteúdo verificado e disponível nas páginas de jornais, Benjamin (1987) deixa transparecer o incômodo com o que é notado como um declínio das relações de comunicação capazes de reforçar vínculos comunitários e ressaltar o desenvolvimento mais durável do conteúdo comunicado.

Mesmo com o espanto, Benjamin observa reminiscências de um fazer comunicacional que reforça e, ao mesmo tempo, tece vínculos sociais. Esse fazer seria o narrar. Nessa perspectiva, o narrador figura como um ator social que traz uma marca intersticial, pois remete aos vínculos, memórias e saberes tradicionais, apresenta o conteúdo narrado no presente e aponta para questionamentos e reflexões sobre possíveis desdobramentos do que é narrado.

No decorrer do percurso histórico em que a informação foi ocupando cada vez mais centralidade nos processos de comunicação – a princípio com a imprensa, como destacou Benjamin, e, mais tarde, com a sociedade em rede, como destacou Castells – vemos que a publicação de crônicas segue marcando a presença da arte de narrar nos espaços devotados à informação: os jornais impressos e suas versões publicadas na internet.

Enquanto a informação representa o ideal de uma comunicação atual e verificável, a crônica abre espaço para outras formas de experiência com o fato apresentado e com o tempo. A crônica se enquadra na abordagem de Benjamin sobre a narrativa e o cronista cumpre os requisitos do papel de narrador, consistindo no artifício de uma espécie de relação de comunicação que engloba a intercambialidade de sua experiência com o seu público leitor. Nesse espaço criado pelo cronista está a possibilidade de que o leitor acesse experiências que o cronista teve, que ele ouviu falar e que ele deixa no ar como portas abertas para que o assunto narrado repercuta pelo tempo que permanecer suscetível.

Tomando como ponto de partida estas reflexões e a demarcação acerca da narrativa que Walter Benjamin estabelece no ensaio *O Narrador*, o presente ensaio situa alguns aspectos da crônica do jornalista Paulo Leandro, que escreve sobre esporte no jornal baiano *Correio\**. A análise enfatiza a crônica *Trocamos o Fútil Ball por Fakebol* publicada em 13/10/2021, a mais recente publicada no momento desta escrita e que corresponde em muitos aspectos ao que Benjamin discute sobre a narrativa. Alguns traços que marcam a assinatura do cronista e estão presentes em outras crônicas também são trazidos para a discussão.

A produção do cronista é discutida em termos do seu aspecto narrativo, interpretada na perspectiva dos sentidos culturais subjacentes. Dessa forma, é considerada não como uma efusão de inspirações de um literato, mas abordada em sua dimensão relacional, tendo em mente as trocas simbólicas e a intercambialidade de experiências que propõe. Assim, o texto discute a comunicação narrativa que Paulo Leandro desenvolve nas crônicas de esporte buscando compreender como os sentidos e conteúdos que conferem substância aos seus textos compõem uma comunicação artesanal. Em outras palavras, não como conteúdos dedicados a uma apresentação dos fatos puros na sua forma mais atualizada, mas como uma representação de fatos selecionados no universo do esporte combinados com referências do acervo cultural, do passado e do imaginário social dos torcedores, e destinada a promover o compartilhamento de experiências com os mesmos.

### A arte de narrar e sua densidade

No ensaio *O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, publicado em 1936, Walter Benjamin re-toma a obra do autor russo para ponderar acerca do impacto da modernidade sobre as possibilidades de compartilhar e intercambiar experiências. Ao caracterizar Leskov como um narrador, Benjamin traça as linhas gerais da arte de narrar como contar algo retirado da própria experiência, ou que tenha se tornado conhecido através do relato de outrem, de modo que as coisas narradas sejam incorporadas à experiência dos ouvintes. (BENJAMIN, 1987).

Longe de oferecer uma imagem fechada de um fato ou processo, o narrar revela um vínculo do narrador com um grupo social, com uma comunidade de sentidos. Comunicar e intercambiar experiências são processos que exigem certas disposições dos participantes. Requer que estes estabeleçam relações sociais que envolvem o acesso e compreensão de sabedorias do grupo ao qual pertencem tanto o narrador quanto o seu ouvinte ou leitor. Considerando esta dimensão relacional, para Benjamin, é possível dizer que a narrativa constitui uma forma artesanal de comunicação que não se baseia na transmissão do “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou relatório, mas traz vestígios do narrador. Isso porque esta forma de comunicação “mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele, assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.” (BENJAMIN, 1987, p.205).

Narrar seria então uma arte vinculada a saberes comunitários, de modo que o narrador e seu interlocutor aces-sam sentidos tecidos ao longo do tempo e que se apresentam implícitos na narrativa. A relevância do tempo de tessitura social dos sentidos, de sedimentação de valores e significados, pode ser percebida quando Benjamin cita Paul Valéry para descrever a imagem espiritual desse mundo de artífices do qual provém o narrador. Inicialmente Valéry cita as coisas perfeitas da natureza que exigem tempo para serem apuradas até a perfeição, constituindo “o produto precioso de uma longa cadeia de causas semelhantes entre si”. Comparando as coisas da natureza aos produtos humanos, Valéry segue re-velando sua percepção de uma transformação do homem no sentido de não mais se dispor a apurar suas produções até a perfeição. Assim prossegue:

Antigamente o homem imitava essa paciência.(...) Iluminuras, marfins profundamente entalhados; pedras duras, perfeitamente polidas e claramente gravadas;- iscas e pinturas obtidas pela superpo-sição de uma quantidade de camadas finas e translúcidas... - todas essas produções de uma indús-tria tenaz e virtuosística- cessaram, e já passou o tempo em que o tempo não contava. O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado”. (VALÉRY *apud* BENJAMIN, 1987, p. 206)

Parte da comunidade de experiências e imbricado na dinâmica cultural, para Benjamin, o narrador expressa uma espécie de sabedoria, detém uma autoridade acerca do tema da coisa narrada. Por isso, a narrativa revela o senso prático do narrador sob forma de conselhos, ensinamentos morais, sugestões práticas, provérbios ou mesmo a sugestão da conti-nuidade da história narrada, que não se encerra nas palavras do narrador. “Para isso seria necessário saber narrar a histó-ria de modo que o conselho esteja tecido na substância viva da existência.” (BENJAMIN, 1987, p. 200)

A forma artesanal de comunicar, segundo Benjamin, entra em declínio com a ascensão da burguesia capitalista e com a difusão de seus valores em uma escala ampliada através de conteúdos compartilhados nos meios impressos. O romance como gênero literário ganha preponderância, assim como as informações sobre acontecimentos próximos, re-centes e plausíveis que passaram a ocupar as páginas dos periódicos. Pode-se destacar neste momento o deslocamento do lugar da experiência, uma vez que nos conteúdos comunicados em larga escala, como nos romances ou nas informações

via imprensa, o leitor acessa o conteúdo de modo solitário, não havendo o intercâmbio de experiências como ocorre na narrativa.

Segundo Benjamin, o romance e a informação são estranhos à narrativa pois precisam ser compreensíveis em si e para si. No romance o leitor busca o desfecho do personagem ou da história na própria obra. Já a informação requer uma verificação imediata. Nesse sentido, essas duas formas de comunicação guardam incompatibilidades com relação à narrativa que não se apresenta como conteúdo finalizado, tanto que para Benjamin, “numa narrativa a pergunta – e o que aconteceu depois? – é plenamente justificada”. (BENJAMIN, 1987, p. 213)

Apesar de destacar as expressões escritas e impressas no seu envolvimento com o declínio da narrativa, Benjamin confere um lugar específico à crônica. Segundo ele, “no amplo espectro da crônica, todas as maneiras com que uma história pode ser narrada se estratificam como se fossem variações da mesma cor. O cronista é o narrador da história.” (BENJAMIN, 1987, p. 209)

Isso não quer dizer que Benjamin confunde o cronista e o historiador, uma vez que destaca a distinção entre as duas atividades. Essa distinção aponta para o caráter voltado à compreensão da realidade e à produção de conhecimento da historiografia, por um lado, e, por outro lado, a presença do pertencimento a uma comunidade de experiências por parte do cronista e de seu suposto leitor. Essa distinção fica clara no trecho: “O historiador é obrigado a explicar de uma ou outra maneira os episódios com que lida, e não pode absolutamente contentar-se em representá-los como modelos da história do mundo. É exatamente o que faz o cronista, especialmente através dos seus representantes clássicos, os cronistas medievais, precursores da historiografia moderna”. (BENJAMIN, 1987, p. 209)

A despeito da influência decisiva do desenvolvimento dos meios impressos para o declínio da arte de narrar apontado por Benjamin, podemos observar que nas páginas de jornal a presença da narrativa se mantém em alguns espaços, não como norma ou seguindo o modelo proposto pelos veículos para estes espaços, mas revelando a assinatura de alguns colunistas que aparece como a mão do oleiro na argila do vaso, conforme aludido por Benjamin.

As crônicas de esporte parecem guardar uma afinidade com a comunicação artesanal da qual falava Benjamin. Isso não significa que as outras vertentes de crônicas voltadas ao cotidiano, a produções culturais, ou outros aspectos da realidade não tragam a marca da narrativa. Mas a ligação com a comunidade de experiências que se expressa na escrita e leitura de crônicas esportivas ganha tons acentuados quando pensamos no próprio sentimento que move estes atores sociais: a paixão – seja a paixão pelo esporte em geral ou pelo time em específico – e a permanência/regularidade do objeto desta paixão. Quando pensamos no futebol, que figura como estrela das crônicas de esporte, podemos destacar que a adesão aos times habitualmente permanece ao longo da vida dos torcedores e que a regularidade dos campeonatos permite, além do contato constante, a renovação anual das expectativas de vitória do time para o qual se torce.

Não há impedimento para que o cronista de esporte seja um torcedor. Ao contrário, é comum que haja predileção por times e o envolvimento típico de torcedor, afinal, não há pretensão de que o autor seja neutro na escrita da crônica, mas que seja um ator social de seu tempo. Diferentemente de espaços destinados a notícias e informações, a crônica é assinada por autores que detêm uma autoridade para discorrer sobre o tema narrado. A proximidade com o assunto abordado na crônica está afinada com o ponto destacado por Benjamin que trata do mote utilizado por narradores, que muitas vezes introduzem a narração situando a coisa narrada em uma experiência pessoal. A presença do cronista como narrador se faz marcante a ponto de podermos reconhecer um cronista nas seguintes questões:

Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, apreendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito. (...) Podemos ir mais longe e perguntar se a relação entre o narrador e sua matéria – a vida humana – não seria ela própria uma relação artesanal. Não seria sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência – a sua e a dos outros – transformando-a num produto sólido útil e único? (BENJAMIN, 1987, p.221).

### A comunicação artesanal em campo

Podemos reconhecer o que Benjamin chama de “verdadeira narração” nas linhas das crônicas pelo jornalista Paulo Leandro no jornal baiano *Correio\**. Tomemos a última crônica publicada quando da escrita deste ensaio, intitulada *Trocamos o Fútil Ball por Fakebol*, publicada em 13/10/2021. Já nas linhas iniciais da crônica, Leandro situa o “algo narrado” como parte de uma experiência vivida, iniciando sua narrativa acerca de aspectos do futebol baiano como resultado de um processo que teve início com um sonho em que revê cenas de seu passado de torcedor. Vejamos o início da crônica:

Sonhei com o fútil bol de antigamente. Teve a cerimônia de entrada dos times em campo, em meio a fogueirão e vaias. Cada time saudou sua torcida. Sua Ssa. entrou, junto com os bandeirinhas, debaixo do úuuuuuuuuu das torcidas; como bons xerifes, representantes da lei e da ordem, receberam os apupos da massa anarquista avessa a toda forma de poder e opressão. (LEANDRO, 2021).

Mobilizando substância viva que envolve a memória, o sonho e a marca pessoal (sendo uma delas o uso de neologismos como pode-se notar no uso do “fútil bol” para se referir ao futebol), Leandro dá início à narrativa estetizando cenas do passado, selecionadas e combinadas de modo a mobilizar no leitor um contato sensível com suas próprias memórias. Nesse sentido, tal ação está de acordo com o argumento de Parret (1997), que considera que a estetização da vida não implica necessariamente a privatização, o individualismo e o ensimesmamento. Essa estetização geraria uma ética do ser em comunidade não doméstica às experiências do heterogêneo e da fraturação, mas integra os indivíduos na estrutura do ser em comunidade, posta por ele como uma comunidade afetiva.

O recurso à memória e apresentação do passado idealizado conectam o narrador e o leitor mediante os sentidos compartilhados. Do sonho, a narrativa segue para a apresentação de traços do cenário do esporte nos seus tempos de infância em comparação com um aspecto contemporâneo do futebol baiano, como a menção a desconfiança sobre a atuação do juiz de futebol, tecida lentamente no imaginário social dos torcedores, e a recente utilização do VAR, ou seja, do sistema de videoarbitragem, como podemos observar no trecho:

Ah, sim, o juiz ladrão era necessário ao bom andamento do futebol, não queiram me convencer desta cascata de Var não, isso aí é só uma legitimação tecnológica da roubalheira, agora institucionalizada, sobe e desce, ganha e perde, quem os homens querem em suas articulações mercadológicas de gabinete, nas caladas, mandando desligar o viva-voz. (LEANDRO, 2021).

Além da comparação do presente com o passado romantizado, há também o recurso à interpelação do público, “como se” estivesse reforçando um interesse que ambos, cronista e leitor, supostamente compartilham naquele momento: pôr em questão as distinções do novo e do antigo futebol. O pertencimento ao grupo é reforçado mobilizando a paixão no trecho:

Cada torcedor fazia sua bandeira, a de meu pai tinha escrito TE AMO bem grandona, mas eu era encantado por uma produzida por um motorista de táxi com os dizeres “Até que a morte nos separe”. As poucas torcidas uniformizadas (não se dizia organizada) era a Povão do Bahia, e a Dragões da Fiel, do Vitória, além da feminina SuperGal, do Galícia. (LEANDRO, 2021).

Para falar da comunicação afetiva, Parret lança mão da compreensão do *sensus communis*, ou seja, a sensibilidade comum a todos, trazendo o componente da sensibilidade e da sociabilidade. Na compreensão de Parret, o *sensus communis* está em cena quando a comunicação envolve ao mesmo tempo socializar a *aisthesis* e sensibilizar o social. A ideia de *sensus communis* levará sempre as marcas dessa origem dupla. “O *sensus communis* é o *sensus* de uma comunidade que não é argumentativa nem consensual. Ela é afetiva.” (PARRET, 1997, p.197).

O tipo de escrita que remete ao pertencimento ao grupo que compartilha uma mesma paixão – pelo esporte – se afina ao que Parret destaca como possibilidade de solução da tensão entre o social e o sensível:

É somente nesse duplo movimento e por meio dele que conseguimos resolver a tensão entre o social e o sensível e pensar a fusão, modo pelo qual a comunicação afetiva se realiza. A eufonia de vozes e de sentimentos depende de sua fusão, essa fusão é melódica, já que ela é essencialmente temporalizada. (PARRET, 1997, p.198).

A comunicação artesanal e afetiva que vemos exemplificada acima não se encerra na exposição de análises técnicas, mas revela e reforça o vínculo social do narrador com uma comunidade de experiências, ou, mais especificamente, explicita o pressuposto da existência e pertencimento ao grupo de torcedores dos times de futebol baiano. Há a intercambialidade de experiências, pois, além de lançar mão das lembranças pessoais, o cronista as situa no espaço frequentado por muitos de seus leitores e em tempos que podem ser lembrados ou imaginados por torcedores baianos. E, para além da memória, há também a abertura da narrativa para os desdobramentos, como podemos ver no desfecho:

Jogador não precisava ser Hulk, as canelas secas davam mais agilidade e baixinhos eram bem vindos nesta miragem, feita de pura arte, nossa chance de enfrentar esta realidade chata de hoje, pois o melhor mesmo, como dizem os estoicos, é aceitar para doer menos e fazer um belo funeral porque o futebol morreu e só sabe disso quem viveu o velho sonho. (LEANDRO, 2021)

O desfecho sob forma de conselho, com referência à sabedoria de pensadores estoicos, explicita o senso prático do narrador e que também constitui um ponto típico da narrativa, segundo Benjamin. Este modo de encerrar a narrativa põe em evidência a experiência que envolve a tessitura e/ou leitura do texto e que se apresenta como processo inacabado, uma vez que o sentido final não se apresenta no ponto final. Além disso, sugere que a pergunta “e o que vem depois?” seja justificada. O que o narrador oferece é, como coloca Benjamin, o contato com a sabedoria que denota o sentido comunitário do conteúdo. Acerca desse teor comunitário, ressalta Benjamin:

Assim definido, o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer).” (BENJAMIN, 1987, p.221).

Os aspectos elencados na crônica de 13/10/2021 permitem visualizar muito do proposto por Benjamin ao pensar a arte de narrar. Porém, esta marca na escrita não se restringe à crônica mencionada até o momento. Vemos a assinatura de Leandro em outras crônicas. Dentre os traços que expressam a assinatura do autor, destacam-se: a composição de narrativas que apresentam uma espécie de história do esporte finalizada com uma reflexão atual; a mistura de termos e grafias antigas com a escrita corrente, com gírias e neologismos, ressaltando uma representação ambivalente do futebol, que mescla nobreza e tradição com popularidade – sem contudo enumerar estes valores de modo hierarquizado.

Acerca da assinatura, podemos mencionar a crônica publicada em 24/04/2020, em que Leandro narra a história do futebol mesclando expressões antigas do período em que o esporte chegou ao Brasil com termos contemporâneos e lugares atualmente populares na cidade de Salvador. Nesse sentido podemos ver a grafia antiga do “Corredor da Victória” ambientada no mesmo texto que menciona o largo de Santana descrito como o local “onde vendia-se acarajé das filhas de Dinha” e apontando que “bem ali começaram os jogos improvisados.”. Essa combinação atípica da temporalidade é a marca da ficção, que coloca acontecimentos que se desdobraram ao longo da história no mesmo espaço. Este traço se faz presente também na colocação de termos e grafias que denotam temporalidades diversas na mesma construção textual.

Nesse ponto é necessário ressaltar algo acerca da marca da ficção presente no texto. Segundo Wolfgang Iser, o texto ficcional contém elementos do real, mas não se esgota na descrição desse real. Para ele, o autor de ficção realiza uma seleção dos sistemas contextuais preexistentes, retirando os elementos escolhidos das suas articulações precedentes e os coloca em outras articulações. A seleção implica em operações como suprimir, complementar e valorizar. Ao suprimir, complementar e valorizar aspectos da realidade, o autor manifesta a sua expectativa de expressão. Além disso o autor de ficção combina à sua maneira os elementos selecionados e lhes confere uma aparência de real. Apesar de verossímil, a ficção não se confunde com a realidade. (ISER, 2002, p. 961-969)

Para Iser, o texto deve se dar a conhecer como ficcional a partir de um repertório de signos. O sinal de ficção é reconhecido através de convenções determinadas, historicamente variadas e compartilhadas por autor e público. O mundo representado não é o mundo dado, mas deve ser entendido “como se fosse”. O “como se” serve para estabelecer equivalências entre o existente e os desdobramentos de um caso irreal ou impossível. Nesse processo, o autor da ficção utiliza o mundo representado para suscitar reações afetivas nos receptores dos textos. (ISER, 2002, p. 969- 970).

Voltando à crônica de 24/04/2020 vemos a seleção de elementos linguísticos ou referências espaciais combinados de um modo que evidencia a ficcionalidade, “como se” expressões, lugares e situações de diversos momentos se apresentassem simultaneamente na cidade de Salvador. Saltamos assim do Corredor da Victória ao largo que vende o acarajé das filhas da Dinha, como também lemos football, match, goalkeeper e sua transição para futebol, partida, goleiro.

### **“Conclusão”, ou “E o que vem depois?”**

Assim como a narrativa, este exercício não tem um desfecho conclusivo. Se, por um lado, retomar o ensaio de Benjamin sobre o narrador permite observar os impactos da modernidade na tessitura das sociabilidades e nos modos de compartilhar sentido, por outro lado, nos abre as portas para pensar a relevância dos processos de comunicação como

fundamentais para o estabelecimento de vínculos comunitários, para o acesso ao acervo de sabedorias e sentidos tecidos no passado, para a reflexão sobre condições e relações que temos no presente e sobre nossos caminhos futuros.

Nem toda comunicação precisa ser apenas informativa. É interessante que também haja espaço para as trocas simbólicas tecidas com a subjetividade de quem narra e permite ao leitor acessar uma construção densa de sentidos.

Ao final notamos como o narrar, essa forma depurada e que requer paciência e preciosismo, como observou Paul Valéry, nos coloca em uma encruzilhada na qual é flagrante a superficialidade de trocas simbólicas baseadas apenas no compartilhamento do “puro em si”, mas que também nos permite vislumbrar os recursos da comunicação artesanal que resistem e persistem reverberando sentidos compartilhados nos espaços que privilegiam o compartilhamento de informações e dados.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaios sobre literatura e história da cultura (Obras escolhidas volume 1). São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**, v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

ISER, Wolfgang. “Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional”. in: LIMA, Luiz Costa (org.) **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v 2.

LEANDRO, Paulo Roberto. O tesouro do football orgulha Salvador. **Correio\***, Salvador, 24 abril. 2020. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/o-tesouro-do-football-orgulha-salvador/>> Acesso em: 19 out. 2021.

\_\_\_\_\_. Trocamos o Fútil Ball por Fakebol. **Correio\***, Salvador, 13 out. 2021. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/trocamos-o-futil-ball-por-fakebol/>> Acesso em: 15 out. 2021.

PARRET, Herman. **A estética da comunicação**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.